

**Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM**  
***Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro de 2016***

**Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369**

**INQUILINOS NO PRÓPRIO CORPO: O PAPEL DO PSICÓLOGO NO PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL**

Vivian Madeira Farias, (FAMMA – Faculdade Metropolitana de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Raphael Edson Dutra, (FAMMA – Faculdade Metropolitana de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: [vivianmadeirafarias@gmail.com.br](mailto:vivianmadeirafarias@gmail.com.br)

Sem sombra de dúvida o grande sonho da maioria das pessoas é ter a casa própria, deixar de ser inquilino de alguém, poder se sentir dentro daquilo que lhes pertence, que lhes represente. A casa própria é mais do que um simples bem, é algo que terá a marca de seu dono, suas características. Essa inquietude, de habitar algo que não lhe pertence, é um sentimento vivenciado pelos/as transexuais que são “inquilinos do próprio corpo”, isto é, estão aprisionados em um corpo que não lhes representa, que não diz respeito a quem são no que tange à identidade sexual. O referido conflito foi percebido por nós a partir de um estágio optativo do curso de Psicologia da FAMMA – Faculdade Metropolitana de Maringá, que tinha por objetivo dialogar a respeito das questões de gênero com a comunidade, em que muitos participantes questionavam a respeito do não reconhecimento de seu corpo como sendo seu, ou seja, muitos deles afirmavam olhar no espelho e não se identificarem como ele. Essa experiência gerou em nós inquietações a respeito da relação existente entre o psíquico e o somático no conflito de indivíduos transexuais utilizaremos a teoria psicanalítica freudiana, fazendo uma breve contextualização do papel, ou melhor, do lugar do corpo na constituição do Eu em Freud (1923/2011), e, mais precisamente, em que momento ou de que forma este corpo deixa de ser um representante do psíquico do indivíduo transexual. É preciso ter clareza de que a escolha de objeto nada tem a ver com o sentimento de ser homem ou mulher, e tais sentimentos estão relacionados à dinâmica e às identificações do eu que irão definir a identidade de gênero. É preciso pensar o que é este sentir-se homem ou mulher, do que se trata tal sentimento abstrato que por vezes está em desacordo com o sexo anatômico do indivíduo. Tal sentimento está relacionado ao sexo de atribuição e não ao biológico, e feminino e masculino é derivado da cultura em que se está inserido, ou seja, as atribuições sociais variam segundo a cultura, função social, época etc. Assim sendo, podemos inferir que este corpo passa a ser o corpo cena de conflitos pulsionais, conforme nos aponta Freud (1915/2010). Nesta pesquisa, buscamos

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

compreender de que forma as identificações primárias, momento fundador da constituição do eu, estão relacionadas à inadequação entre soma e psi, ou seja, de que forma um indivíduo no corpo masculino/feminino pode ter sentimento e identidade de gênero feminino/masculino, e ainda, qual seria a importância da intervenção psicológica no processo de transformação deste corpo. Consideramos, então, que seja necessário pensar o papel do psicólogo frente à cirurgia de redesignação sexual embasada nas diretrizes estabelecidas pelo ministério da saúde, assim como por referenciais da psicologia e psicanálise. Para o CID 10 e DSM IV a transexualidade é um transtorno que envolve as questões de gênero e de identidade sexual. Butler (2013) entende que o alinhamento entre sexo, gênero e desejo é constituído socialmente. Assim, é necessário despatologizar tal identidade de gênero, atentando-se para tal constituição psíquica no que concerne à escolha do objeto de amor. Entretanto, por meio da luta política, transexuais conquistaram direitos em relação à cirurgia e abdicar de um direito conquistado pela categoria em relação à cirurgia de redesignação sexual pelo SUS, compreendendo que aquilo que o Ministério da Saúde, na portaria nº 457/2008 preconiza, em que um indivíduo, para ter acesso ao procedimento, deve passar por um processo multiprofissional, que abrange, desde exames físicos, hormonais, até acompanhamento psicológico pelo prazo de 2 anos, para que se contaste e se autorize tal procedimento. O papel do psicólogo foi bastante debatido na experiência vivida em estágio, visto que alguns participantes consideravam desnecessário e ainda, uma agressão, ter de passar por processo psicoterapêutico para poder realizar a cirurgia. Questionou-se a respeito dessa obrigatoriedade em relação à psicoterapia, quando se entende esta enquanto uma forma de validação em relação ao outro, o que tiraria deste a autonomia do próprio corpo. Contudo é preciso ter um grande cuidado ao proferir tal afirmação, visto que a obrigatoriedade não busca dizer quem é ou não *trans*, mas sim, de permitir que se seja o que é a partir do momento que se saiba o que se é. Ao falar de orientação sexual, trata-se da escolha objetual, ou seja, para quem o indivíduo irá direcionar seu investimento libidinal, sendo assim, uma pessoa em conflito, pode mudar o objeto de amor, por exemplo, uma pessoa que se entende por heterossexual, pode vir a se identificar como homossexual, isso irá trazer uma mudança no objeto de amor, passando a amar alguém do mesmo sexo. Essa diferenciação, por mais que pareça óbvia foi necessária ocorrer dentro do grupo, e nos mostrou que não devemos partir do pressuposto de que tudo já está esclarecido, mas sim detalhar e dialogar ponto a ponto, pois percebemos ao longo do trabalho que algumas questões sociais têm gerado sofrimento. Um exemplo disso foi a fala de um integrante do grupo, que manifestou desejo de fazer a cirurgia

XVII Semana de Psicologia da UEM  
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da  
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia  
24 a 27 de Outubro de 2016

de redesignação de sexo para poder ser aceita pelos familiares da pessoa com quem se relaciona, visto que eles não aceitam relacionamento homossexual. Porém questionou-se: eles aceitariam um trans? Abordando a questão do *trans*, não se diz respeito ao objeto de amor, mas sim ao processo de identificação com o próprio corpo, para Freud (1923/2011) o Eu é um eu corpóreo, e esse corpo tem papel fundamental na constituição do Eu. Sendo assim, se a cirurgia de redesignação do sexo for realizada em um momento de conflito, ou de constituição deste Eu, de forma aleatória e sem acompanhamento adequado, poderá, ao invés de trazer satisfação gerar mais sofrimento, ao se constatar que o conflito não estava diretamente ligado ao corpo. Percebe-se que, para a realização de tal cirurgia, o papel do psicólogo é fundamental, visto que uma vez realizada, não é possível reverter, se esta for feita motivada por conflitos não trabalhados, podendo gerar maior sofrimento, a tal ponto de se tornar um motivador para o suicídio. Ora, se eu mudo o objeto de amor, isso pode ser revisto, porém se mudo o corpo, isso não tem volta, e será preciso aprender a lidar e a viver com esse novo corpo, que precisa, necessariamente, estar confluyente com a identidade psíquica no que concerne ao gênero em que essa pessoa se identifica.

**Palavras-chave: Transexual. Corpo. Psicanálise.**

### Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** Porto Alegre : ARTMED, 2002, 4a. ed.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade .** Renato Aguiar (trad.). 5. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id (1923) In: **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923 – 1925)** Obras Completas Volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13 – 74.

\_\_\_\_\_. Os instintos e seus destinos (1915) In: **Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916).** Obras Completas 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51 – 81.

Organização Mundial da Saúde. **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.** 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.1.